

ANEXO E

Projeto URBISAmazônia

1ª REUNIÃO GERAL

31/10 – 01/11/2011

BELÉM

LOCAL: INPE AMAZÔNIA

COORDENAÇÃO DA REUNIÃO	Antônio Miguel Vieira Monteiro (INPE) e Ana Cláudia Duarte Cardoso (ITV DS)
MOTIVO DA REUNIÃO	Reunião Geral de Alinhamento, Marco do Início das Atividades do Projeto
PESQUISADORES	Tiago Carneiro (UFOP), Silvana Amaral (INPE), Rodrigo Simões (Cedeplar/UFMG), Roberto Monte-Mór (Cedeplar/UFMG), Roberto do Carmo (Nepo/Unicamp), Pedro Ribeiro (INPE), Pedro Alves (MDA), Paulo Justiniano Jr. (LEG/UFPR), Kazuo Nakano (Instituto Polis), Isabel Escada (INPE), Frederico Roman (FGV), Flavia Feitosa (INPE), Edson Domingues (Cedeplar/UFMG), Diego Xavier (Fiocruz), Mauricio Silva (INPE Amazônia), Danilo Araújo (UFPA), Ana Paula Bastos (Naea/UFPA).
BOLSISTAS ESTUDANTES	/ Carolina Pinho (INPE), Ana Paula Dal'Asta (INPE), Claudia Nascimento (INPE Amazônia), Marcilia Negrão (ITV DS), Rafael Ferreira (ITV DS), Fabrício Guedes (ITV DS), Maria do Carmo Américo (ITV DS), Rodrigo Pereira (UFOP)
OBSERVADORES	

1. BLOCO 1 – RECUPERAÇÃO DO PROJETO E DA MEMÓRIA DO PROCESSO

1. Após ouvir as palavras de boas vindas do Chefe do INPE Amazônia, Claudio Almeida, e dar as boas vindas ao grupo, os coordenadores da reunião atualizaram todos os presentes sobre os fatos ocorridos entre a oficina realizada em setembro de 2009 e a presente oficina: apresentação das instituições que participam do convênio que formaliza o projeto (Financiadores: Fundação Vale e Instituto Tecnológico Vale Desenvolvimento Sustentável, fundação gestora do convênio: Funcate; Coordenação técnica: INPE), dos documentos utilizados para apresentação do projeto aos financiadores, negociações realizadas, valores e condições de operação do financiamento obtido, número de registro do convênio para informação de agente financiador nos documentos produzidos a partir do projeto (relatórios e artigos).

Todos os pesquisadores líderes de equipe receberam manual da Funcate com formulários para indicação de bolsista e orientação sobre prestação de contas de recursos utilizados durante a vigência do convênio.

2. Em seguida Miguel Monteiro retomou os objetivos do projeto, premissas metodológicas, conceitos chave adotados na sua versão original, áreas objeto de investigação em cada escala, para abrir o debate sobre como ocorrerá a operação dos núcleos da rede. Houve uma discussão breve sobre possibilidades, com esclarecimentos de suposições dos economistas por parte dos pesquisadores do núcleo de Belém, ponderações de Roberto Monte-Mór, e outras intervenções que prepararam a audiência para as apresentações que se seguiriam a partir daí, e a observação das interações necessárias entre grupos.

3. As apresentações foram iniciadas com a exposição dos produtos do projeto **TerraClass**, por Claudio Almeida, que descreveu as classes de uso e cobertura da terra e resultados obtidos em 2008 com o mapeamento da Amazônia e dos Estados. Ao apresentar as classes provocou discussão e evidenciou que os conceitos cidade e campo estão dissociados do urbano, podendo abranger ambos; também houve discussão sobre o nome da classe “área urbana” adotado pelo TerraClass, tendo sido sugerida alteração para “área urbanizada”.

2. BLOCO 2 – APRESENTAÇÕES E CONVERSAS CRUZADAS (31/10)

1. Macroescala – Análise Econômica Regional:

- Modelo de Equilíbrio Geral Computável para a Amazônia - EGC, apresentado por Edson Domingues
- Novas Centralidades e Interiorizações na Amazônia - Centralina, apresentado por Rodrigo Simões

Discussões: indicativo de articulação entre o **TerraClass** e o **EGC**, entre o **Centralina** e a MESO escala. Rodrigo Simões ficou de consultar o Regic/IBGE, 2008 para identificar pólos e centralidades, para um panorama mais atual da rede de cidades.

2. Mesoescala:

- a) Análise Demográfica: Estratégias metodológicas para trabalhar os dados censitários e a análise demográfica, apresentado por Roberto do Carmo. Como uma primeira contribuição fará análise de matrizes migratórias do Pará para 2000 e 2010, porém, o dado do IBGE de 2010 só será divulgado em abril/junho.
- b) Evolução do processo de Urbanização das Cidades – **Evolurb**: considerações apresentadas por Ana Cláudia Cardoso, destacando trajetória do grupo de Belém, focos e desafios de articulação da abordagem processual dos urbanistas à modelagem dos economistas.

Discussões: indicativo de que o desafio do coletivo **URBISAmazônia** residirá na capacidade de articulação dos processos de macro e micro escala, pela MESO escala.

3. Microescala

- a) Padrões, Processos e Trajetórias: Métodos de Investigação da Paisagem, apresentado por Isabel Escada, destacando métodos de análise da paisagem, a partir da utilização de imagens de satélite e de um ambiente celular. O método apresentado possibilita a integração das análises da paisagem com análises de indicadores demográficos e sócio-econômica, ilustrados a partir de pesquisa em parceria com André Augusto Gavlak.
- b) A Dinâmica das Localidades e o Urbano Extensivo, apresentado por Silvana Amaral, destacando as estratégias de representação das redes de lugares detectadas na região do Tapajós, ilustradas a partir da pesquisa de Carolina Pinho. Apresentou também uma análise de cluster das comunidades do Tapajós e resultados da classificação dos núcleos urbanizados na área de influência da Br-163 e da Transgarimpeira, ilustrados a partir de pesquisas em parceria com Ana Paula Dal'Asta.

Discussões: emergiu a discussão de São Félix do Xingu e de todo o processo de transformação da região de Carajás, área do **URBIS-1**, e de paralelos com área da Transamazônica, **URBIS-2**;

3. BLOCO 2 (CONTINUAÇÃO EM 01/11)

4. Retorno à MESOESCALA

- a) Estudos sobre possibilidades com Métricas de Paisagem Urbana, por Fred Roman, apresentando metodologia produzida no âmbito de parceria entre FGV/ Connecticut University / Lincon Institute, para. ilustrada com piloto desenvolvido para a Região Metropolitana de Belém.
- b) Paisagens e Processos Saúde–Doença, apresentado por Diego Xavier, destacando o acúmulo da Fiocruz de pesquisas realizadas em Manaus e Porto Velho,apresentou discussões sobre os grandes empreendimentos, desmatamento e a paisagem urbana e suas relações com doenças como malária, hanseníase, Aids e doenças de veiculação hídrica, entre outras.

Discussões: intervenção do Kazuo sobre possibilidade de adoção da saúde com o indicador de condição de vida, realçando que a urbanização tem relação direta com as condições de saúde coletiva, coloca a seguinte pergunta: Como o padrão urbano da Amazônia impacta os processos de saúde-doenças?, ; intervenção do Monte-Mór, destacando o desmatamento e a mobilidade entre campo-cidade decorrente de atividades econômicas ou de lazer com fator que contribui para a disseminação de doenças tropicais, comenta que a incidência de malária diminui a medida que ocorre a urbanização, entretanto, a medida que a urbanização torna-se extensiva, a incidência aumenta; intervenção de Rodrigo Simões, destaca a questão da migração e mudança no padrão de migração (distâncias mais curtas percorridas pelo migrante, acesso à vacinação prévia, sistema de defesa imunológico era mais vulnerável no passado – primeiro contato com a doença).

5. Integração Instrumental

- a) **TerraME** – Ambiente Computacional para Modelagem, apresentado por Tiago Carneiro que mostrou os conceitos de espaço-tempo e de multiresolução utilizados pelo **TerraME** ilustrados a partir de exemplos com modelos de desmatamento em áreas com diferentes tipos de produtores rurais, desmatamento a partir de redes de estrada, e modelos de escoamento superficial da água da chuva.
- b) Considerações de Paulo Justiniano a respeito de como o LEG poderá contribuir para o projeto. Enfatiza a possibilidades do desenvolvimento de modelagem estatística espaço-temporal.; destaca como desafio as questões colocadas no projeto com ênfase na modelagem das conexões (redes) dos dados no espaço geográfico possibilitando criações e novidades na perspectiva da modelagem estatística.

6. Integração Conceitual

a) Urbanização Extensiva como mediação, reflexões de Roberto Monte-Mór:

As reflexões foram iniciadas com o resgate do pensamento Lefebvriano, extrapolados por Monte-Mór para o conceito de Urbanização Extensiva, e o destaque de que o urbano é uma extensão do capital industrial, de que há uma politização que acontece a partir da ação dos movimentos sociais a ser considerada, para a compreensão das micro-redes.

O conceito de **urbano** seria uma síntese entre a binômio campo e cidade, de modo que a urbanização extensiva possa ser compreendida como uma mediação entre várias manifestações do espaço abstrato e o espaço vivido.

O caso de *São Félix do Xingu* ilustra o modo como se dá a transformação do meio natural em meio técnico científico. É preciso criar tipologia de lugares e tipologia de redes e articulá-las. O espaço é o objeto privilegiado nas cidades e lugares, teríamos o foco na área de transformação mais intensa e um controle recortado em área consolidada.

A diferenciação dos lugares ajudará na compreensão das redes que os articulam.

O *círculo superior* corresponderá ao *espaço abstrato* (foco dos economistas), e o *círculo inferior* ao *espaço vivido* (foco dos urbanistas).

A investigação de cadeias econômicas pode ser relevante.

Na região está ocorrendo um salto do meio técnico natural direto para o meio técnico científico informacional, na medida em que o barquinho está conectado na web, ou que as travessias do Xingu ocorrem em Jet-skis, destruindo as relações existentes.

O desenvolvimento é entendido como (*des*)envolver as comunidades de seus envolvimentos tradicionais, crenças, culturas, etc. que possam criar obstáculo para a lógica homogeneizante do capital. Devemos estar mais preocupados com o *reenvolvimento* do que com o (*des*)envolvimento.

Mediação da urbanização extensiva: fortalecer bases locais na extensão das condições gerais de produção.

A correlação de forças entre os dois circuitos é desigual, com tendência à completa destruição das bases locais.

O grupo conta com visões muito diferentes, por formação e vivência de outras regiões, a perspectiva da Amazônia como fronteira é típica de quem está fora dela.

Discussão:

Rodrigo pondera que o capital não tem interesse de destruir a cultura (ou a festa), mas de transformar o meio natural, e que é necessário e desejável ampliar o consumo na região, urbanizar, etc. Ana Cláudia complementa que precisamos de desenvolvimento, mas compreendendo os mecanismos que agravariam desigualdades históricas, para que no decorrer do processo possamos corrigi-las. Miguel sintetiza que assumiremos a urbanização extensiva como conceito mediador que possibilita então a construção de objetos para a mediação. Isto permite que possamos manter um referencial teórico de origem Lefebvriana orientando uma prática de operacionalização através de objetos mediadores definidos como modelos multi-paradigmas com observação em múltiplas escalas. O grupo de Belém, com a coordenação de

Ana Cláudia, terá *protagonismo* na articulação das visões e ferramentas, para corrigir distorções e dar o tom a discussão para a busca de um modelo de desenvolvimento urbano em novas bases.

4. ENCAMINHAMENTOS E AGENDA DE CURTO PRAZO

1. **Board Externo:** será composto por Kazuo Nakano, Roberto Monte-Mór, Francisco Costa, Bertha Becker, Carlos Brandão (este será contactado por Roberto Monte-Mór). Houve sugestão de nome da UFPA, e a decisão ficou a critério do núcleo de Belém, dependendo de conversa sobre disponibilidade / interesse do pesquisador.
2. **Municípios contidos na área URBIS-1:** Marabá, Parauapebas, Tucumã, Ourilândia, São Félix do Xingu, Água Azul do Norte, Canaã dos Carajás, Curionópolis e Xinguara.
3. **Municípios contidos na área URBIS-2:** Altamira, Vitória do Xingu, Novo Progresso, Brasil Novo, Medicilândia, Uruará, Placas, Rurópolis, Itaituba, Santarém, Belterra, Aveiro.
4. **Cobertura de Dados Inicial:** Os levantamentos demográficos preliminares e a seleção de imagens de satélite a serem utilizadas abrangerão todos os municípios em cada área de estudo.
5. **A definição dos municípios da área URBIS-3,** ocorrerá após avanço metodológico da pesquisa nas duas outras áreas.
6. As equipes que investigam a MESOESCALA iniciarão pela áreas URBIS-1, e as equipes da MICROESCALA iniciarão pelo URBIS-2.
7. **WEB:** Uma página do tipo *wiki*, de acesso restrito ao Coletivo URBIS, será criada no decorrer do mês de novembro, e através dela será mantida a comunicação do grupo, e nela serão postados documentos que possam contribuir para a evolução das pesquisas.
8. **Gestão:** Caberá às secretárias Belém e São José, a divulgação de agendas e solicitação de retorno sobre os passos dados.
9. **Acompanhamento:** Nova Reunião Geral deverá ser chamada/realizada em março de 2012.
10. **Reuniões Setoriais:**
 - i. Será realizada reunião técnica para deslançar processos associados à área URBIS-1, nos dias 1 e 2 de dezembro no INPE em São José dos Campos, com a participação de Ana Cláudia Cardoso, Claudia Nascimento, Fred Roman, Pedro Alves, Diego Xavier, Ricardo Dagnino e Isabel Escada.
 - ii. Será realizada reunião técnica para deslançar processos associados à área URBIS-2, no dia 30 de novembro, no Nepo/Unicamp, em Campinas, com a participação de Silvana Amaral, Roberto do Carmo e Ana Cláudia Cardoso.
 - iii. Será realizada uma reunião virtual para deslançar processos associados à MACROESCALA, na manhã do dia 21 de novembro, via Skype, com a participação de Edson Domingues, Maurício Silva, Ana Paula Bastos e Ana Cláudia Cardoso.
 - iv. Será realizada reunião técnica entre pesquisadores da MACROESCALA

(Rodrigo Simões) e MESOESCALA (Ana Paula Bastos), durante a reunião da ANPEC, em Foz do Iguaçu.

11. Tarefas Específicas:

- i. Miguel Monteiro e Pedro Ribeiro *resgatarão artigo* que associa aplicação do **TerraME** e dados da pesquisa do pesquisador Francisco Costa (Chiquito).
- ii. Monte-mór *produzirá ensaio* sobre Urbanização Extensiva dentro da perspectiva da mediação discutida na reunião.
- iii. Ana Cláudia Cardoso e Kazuo Nakano *escreverão working paper* abordando aspectos do processo de urbanização, e condições de vida da população para contribuir na utilização da saúde como um indicador relevante na MESOESCALA.

Projeto URBISAmazônia

1ª REUNIÃO GERAL

21/11/2011

SKYPE

LOCAL: INPE AMAZÔNIA E
CEDEPLAR

COORDENAÇÃO DA REUNIÃO	Ana Cláudia Cardoso (ITV DS),
MOTIVO DA REUNIÃO	Reunião geral de alinhamento, marco do início das atividades do projeto para as ações na Macroescala
PESQUISADORES	Claudio Almeida (INPE Amazônia), Edson Domingues (Cedeplar/UFMG).
BOLSISTAS ESTUDANTES	/ Claudia Nascimento (INPE Amazônia), Terciane Carvalho (Cedeplar)
OBSERVADORES	

1. PAUTA

1. Compartilhar informações técnicas (bases de dados), nivelar informações sobre tipo, formato de bancos de dados, variáveis, escala (se município, setor censitário, etc.) e data de coleta.

Relato:

Edson informa que busca dados por microrregião. Como colocar a *terra* na Base de dados?

Cláudio informa que dispõe das *classes de uso da terra* por município. Edson responde que a equipe fará a agregação para as microrregiões.

Cláudio observa que as *áreas mapeadas são apenas as desflorestadas*, não são incluídas cerrado e savanas. Nos municípios onde há áreas de cerrado, essas áreas são consideradas de não floresta, e não foram cobertas pelo mapeamento.

Unidade da base de dados do INPE Amazônia: Km2 por município.

Durante a conversa Cláudio envia base de dados para Edson (planilha com as informações por município) e pede que o manuseio seja restrito à equipe do projeto. Informa que o levantamento é de 2008. Não há outras edições do levantamento disponíveis.

Edson: pergunta por dados de produção agrícola, ex: produto, valor, área de produção, etc., que ofereçam mais informações que a base de dados do IBGE. Cláudio responde que só conhece o Censo agropecuário (declaratório), e o material do **TerraClass** (INPE). Acrescenta que ouviu dizer que o IBGE planeja fazer uma atualização de dados do uso da Terra do projeto RADAM (mapeamento completo de uso da terra para o Brasil feito nos anos 1970).

Edson pergunta por dados de produção para agricultura (cultivos permanentes e temporários) se há algum produto relevante que o IBGE não apresente. Pede informação sobre valor da extração de madeira (volume é informado pelo IBGE – precisa saber o valor dessa produção, pessoal ocupado, impacto sobre o desmatamento). A informação está muito agregada.

Ana Cláudia lembrou de estudo realizado pelo IDESP sobre produtos não madeireiros, que pode ser conversado com Jorge Yared e Peter Toledo. Dali poderia se obter informações sobre valor da floresta em pé versus valor da madeira.

Edson pergunta se teríamos fontes que apontem projetos de exploração de empreendimentos futuros. Ana Cláudia sugere consulta a mapa de concessões de lavra no Estado, disponibilizado no website do CPRM. Outras alternativas seriam consultar a Secretaria de Indústria e Comércio do estado do Pará, a superintendência regional do CPRM, e a Fundação Vale (setor mais acessível da Vale).

Anúncios de investimento – como alternativa.

Edson também pediu informação sobre o PPA do Pará: há dado mais detalhado do que a versão do PPA disponível na internet? Há visão territorial na alocação de recursos? Há investimentos fortes para alguma região?

Ana Cláudia ficou de consultar o José Júlio Lima (ex-secretário responsável pelo PPA para obter respostas). Ana lembrou de outras fontes, como a Caixa Econômica Federal, que opera recursos

dos ministérios contratados para saneamento, habitação, etc, com os municípios e com o governo estadual. Claudio lembrou do Basa, e dos recursos do FNO que estão sob sua responsabilidade.

Edson lembrou do potencial de informações a ser obtido no Censo novo relacionadas a renda, local de trabalho. Esclarece que o modelo associa economia e trabalho (não usa muito população). População entra na hora de contabilizar potencial de consumo das famílias. Relações com migração: abordagem da migração econômica (fruto do crescimento das economias), remuneração média maior atrai população, algo que o modelo estima: resultado via emprego, crescimento alimentado por fluxo migratório. Caso dos barrageiros. Grandes investimentos em infra-estrutura.

Edson fala da base empírica existente a partir de setores. Quando surge um novo setor (da economia) em uma região o MEGC não captura. Os setores são muito agregados. Ele depende de nossa informação para que as coisas apareçam no modelo. O que depender de tendências tecnológicas dá para fazer. O açaí pode ser modelado como uma commodity por exemplo.

Conversa sobre o Açaí e trajetórias tecnológicas investigadas pela equipe do Chiquito. Qual o mercado mais importante: interno ou externo para que produtos? Para aumentar a competitividade é bom ampliar a troca com o mercado externo.

Existem estudos sobre crescimento do estado identificando áreas dinâmicas, estagnadas. Conversa sobre estudos federais, mas Edson pede estudos desenvolvidos na UFPA e outras instituições locais.

Ações

1. Fazer conversas com a Caixa e com o Basa sobre investimentos. Enviar planilha da GIDUR para o Edson. (Quem é o responsável??)
2. Organizar as questões levantadas pelo Edson (Miguel e Ana)

2. ENCAMINHAMENTOS

1. Envio de base de dados do INPE Amazônia para o Cedeplar (**realizado durante a reunião**)
2. Recuperar base de dados do estudo sobre produtos não madeireiros. Cláudio conversará com Peter em visita próxima a São José dos Campos (em 24/11). Outra conversa será feita com técnicos da Embrapa da área de floresta sobre valor da madeira.
3. Ana Cláudia enviará base de dados da Caixa, como amostra e entrará em contato com a Fundação Vale e o CPRM.
4. Será programada agenda entre Edson, Danilo e Chiquito para discussão de uma primeira versão do modelo, tendo em vista a desagregação de informações para municípios. Recuperação de investigação do Miguel e do Pedro (INPE SJC) sobre base de dados do Chiquito.
5. Terciane deverá passar alguns dias em Belém para fazer entrevistas e conferir dados antes de viajar para a Austrália em março (?) de 2012

Projeto URBISAmazônia

1ª REUNIÃO MESOESCALA

02/12/2011

VIA SKYPE
16:00 – SP
15:00 - Belém

LOCAIS:
INPE AMAZÔNIA-BELÉM,
NEPO-UNICAMP-CAMPINAS,
INPE-SJC, FGV-SP,
FIOCRUZ-RJ, MDA-BRASILIA

COORDENAÇÃO DA REUNIÃO	Ana Cláudia Cardoso (ITV DS)
MOTIVO DA REUNIÃO	Reunião geral de alinhamento, marco do início das atividades do projeto para as ações na Mesoescala .
PESQUISADORES	Isabel Escada e Miguel Monteiro (INPE-SJC), Ana Cláudia Duarte Cardoso (ITV); Roberto do Carmo (NEPO), Frederico Roman e Ciro Biderman (FGV-SP), Mauricio e Claudio Almeida (INPE Amazônia), Christovam Barcellos e Diego Xavier (FIOCRUZ-RJ), Pedro Alves (NEAD-MDA), Paula Bastos (UFPA)
BOLSISTAS ESTUDANTES	/ Marcio e Ricardo Dagnino (NEPO), Claudia Nascimento (INPE Amazônia); Ana Paula Dal'Asta (INPE-SJC), Marcilia (UFPA)
OBSERVADORES	

I. BLOCO I – QUESTÕES PARA A MESOESCALA E NOVAS PROPOSIÇÕES.

A reunião foi organizada de forma que cada grupo, representado por um ou dois pesquisadores, falou das principais questões a serem abordadas, suas contribuições para o projeto, ações e possíveis pontos de contato entre os grupos.

1. NEPO: Estudo com todos os municípios do Estado do Pará, utilizando como base a análise temporal os dados dos setores censitários de 2000 e 2010 do IBGE, com avaliação de aspectos sociodemográficos e migratórios. Identificar novas centralidades, caracterizar nós das redes urbanas.

Principal Contribuição: Reconstrução do urbano a partir de redes de fluxos migratórios. Dados analisados: 1) Naturalidade (onde nasceu); 2) Data fixa (onde residia em 1995); 3) Última etapa (onde residia antes de 2000 e 2010). Análise de movimentos pendulares, associados ao trabalho e à educação. Caracterização social, demográfica e econômica dos domicílios (migrantes, não migrantes). Utilização de dados do censo agropecuário.

2. FGV: Estudo visa estabelecer cenários de paisagem urbana a partir da caracterização das formas e da construção de uma tipologia de paisagens urbanas. Para isso serão desenvolvidas novas métricas e, as métricas existentes, deverão ser adaptadas para os estudos de expansão urbana utilizadas em metrópoles para o contexto amazônico. A interação com Belém (UFPA e ITV) para significação dos padrões encontrados e com o INPE (GeoDMA) serão fundamentais. Serão utilizadas imagens Landsat/TM e a análise temporal levará em conta os anos dos censos demográficos do IBGE, do período de 1988 a 2011. A principal contribuição é a definição de uma tipologia para as cidades a partir dos arranjos intra-urbanos. Como estratégia, iniciar os estudos para um ano fixo (2000) e uma cidade-teste (Belém) para definição da metodologia. A partir desse estudo deverá ser feita a descrição das métricas, avaliação dos resultados e seu refinamento. A metodologia deverá possibilitar replicação para outras áreas e análise temporal.
3. FIOCRUZ: A ideia central é qualificar o urbano a partir da saúde. Olhar para as redes de serviço e infra-estrutura e acesso aos serviços de saúde. Analisar também as dinâmicas das doenças relacionadas ao fluxo migratório. Utilizar doenças que são indicadoras de perfis populacionais e de ocupação para caracterizar as áreas urbanizadas. Utilizará dados do sistema de Informação da saúde (tem dados de origem/destino e naturalidade), análise do AIH (Autorização de Internação Hospitalar) para avaliar a estruturação da rede de serviços e do acesso nas regiões contempladas no projeto, usad CNES (Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde). Entender quem são as pessoas que estão adoecendo. Acoplar no estudo as questões sobre a malária (SIVEP-malária, dados de origem/destino) e as novas dinâmicas de transmissão no Pará. Marcador de violência (homicídios), Aids (moderna e urbana), hanseníase, hepatite. Utilização de dados de desmatamento (Prodes, Degrad) e uso da Terra (TerrClass). Interação entre FIOCRUZ, INPE/Belém (TerraClass),

NEPO (Demografia). Articulação migração e saúde.
4. MDA: Propõe entender como a questão fundiária se articula com padrões de ocupação. Atividades previstas: avaliar as diferentes bases de dados de cadastro rural e as propostas de redefinição dos limites das unidades de conservação. Avaliação das bases do CAR (Cadastro Ambiental Rural), CNIR (Cadastro Nacional de Imóveis Rurais do INCRA), Base de dados do ITERPA.
5. INPE: Analisar a evolução da paisagem a partir de uma tipologia de padrões. Avaliar padrões da paisagem e processos de ocupação, considerando dados de desmatamento (PRODES) e de uso da terra (TerraClass). Inclusão de áreas de mineração de pequena e grande escala. Trabalhar na escala do URBIS 1, 2 e 3. Pontos de contato: TerraClass /INPE, NEPO/demografia, FGV (padrões urbanos).
6. Grupo Belém (UFPA e ITV) As investigações são mais restritas às cidades, nas quais as análises englobam: avaliar os padrões de urbanização das cidades recentes, os aspectos regulatórios do espaço construído e a da legislação urbanística, as relações econômicas na dinâmica campo-cidade e o impacto da nova infra estrutura de comunicação no conectividade dos lugares. O <i>Grupo Belém</i> tem dois papéis: de coordenação e de articular as interações.

II. ENCAMINHAMENTOS E AGENDA

1. Troca de material bibliográfico entre as equipes. Utilizar <i>wiki</i> do projeto.
2. Próximo encontro: - reunião presencial no mês de janeiro, data e local a definir (no período de 23 a 27/01/2012 em São José dos Campos ou Campinas). Reagendada.

Projeto URBISAmazônia

1ª REUNIÃO MICROESCALA

01/12/2011

VIA SKYPE
16:00 – SP
15:00 - Belém

LOCAIS:
INPE AMAZÔNIA, ITV-DS E
UFPA-BELÉM, NEPO-
UNICAMP-CAMPINAS, INPE-
SJC

COORDENAÇÃO DA REUNIÃO	Ana Cláudia Cardoso (ITV DS)
MOTIVO DA REUNIÃO	Reunião geral de alinhamento, marco do início das atividades do projeto para as ações na Microescala .
PESQUISADORES	Silvana Amaral, Isabel Escada (INPE-SJC), Ana Cláudia Duarte Cardoso (ITV-DS); Claudio Almeida (INPE Amazônia), Paula Bastos (UFPA)
BOLSISTAS ESTUDANTES	/ Marcio e Ricardo Dagnino (NEPO), Claudia Nascimento (INPE Amazônia); Ana Paula Dal'Asta (INPE-SJC)
OBSERVADORES	

I. BLOCO I – QUESTÕES PARA A MICROESCALA E NOVAS PROPOSIÇÕES.

A reunião foi organizada de forma que cada grupo, representado por um ou dois pesquisadores, falou das principais questões a serem abordadas, suas contribuições para o projeto, ações e possíveis pontos de contato entre os grupos.

INPE-SJC: Foi exposta a idéia de continuar o trabalho de definição de uma *Tipologias de Lugares* (pequenas unidades de ocupação humana) a partir da identificação e caracterização destas unidades com uso integrado de dados de SR, Censo e Campo. Um olhar que abrange também a possibilidade de caracterizar *formação em rede* que une estas unidades (vilas, distritos, assentamentos) e cidades. Silvana aponta uma dificuldade relativa a ter dados longitudinais apenas da região Tapajós e assim o melhor seria trabalharna Microescala com poucos focos.

Discussão:

Ana Cláudia pergunta para onde seria razoável a ampliação das áreas-foco de pesquisa. Silvana avalia que além da área do Tapajós, seria *ao longo na estrada de Novo Progresso, Transamazônica*.

Ana Cláudia pergunta em que medida o trabalho dos demógrafos pode ajudar. Na área URBIS-2, onde começa a Microescala, uma primeira questão é como se faz a evolução do ribeirão para a terra firme.

Ana Cláudia lembra que o Roberto do Carmo tem interesse em fazer alguns levantamentos para terem o registro da área antes da obra das barragens e poderiam atender outros municípios. O Ricardo Dagnino poderia comentar sobre o que é possível fazer dentro do que eles podem oferecer e afirma que mesmo dentro do recorte do URBIS-2 não será preciso varrer tudo, e que para isso, será necessário ouvir o Ricardo também.

Silvana aponta que os profissionais da demografia coletam muito mais informações que o grupo do INPE. Os questionários de campo do INPE são bem mais simplificados e objetivam observar a estruturação dos lugares e suas conexões. Ana Cláudia sugere que se faça uma correspondência para verificar variáveis comuns.

Ana Cláudia pergunta ao Ricardo de que forma poderemos entender as áreas pesquisadas e os perfis da população?

Ricardo responde que seu grupo está preparando uma série de materiais, e a idéia era fazer uma reunião presencial. Eles já têm preparado matrizes migratórias, *indicadores de migração tanto no nível micro, quanto no nível meso*, para fazer a caracterização que o URBIS precisa. Ricardo explica que as informações estão organizadas por município e por setor censitário e quem tem informações sobre as redes é o Márcio.

Ana Cláudia perguntou sobre as variáveis censitárias disponíveis. Ricardo explicou que entre 2000 e 2010 não tem informação sobre migrantes, talvez para 2010 se tenha esses dados. Paula perguntou ao Ricardo se ele irá trabalhar com RAIS Migra Ricardo respondeu que a RAIS Migra só oferece informações sobre as migrações formais, ou seja, as informais ficam de fora. Na ocasião, Ana Cláudia observou que Ricardo se refere a Altamira e perguntou se é possível cobrir a área do Tapajós? Ricardo informou que é possível.

De acordo com Cláudio, o *urbano* nasce do local e vai se desenvolvendo dentro do setor censitário. Parte do urbano extensivo já nasce *urbano*, então se faz necessário juntar as variáveis dentro das duas escalas, dados censitários e o que tem no campo.

Ana Cláudia explica que não existe mais diferenciação entre o urbano e o rural, a microescala é território livre, a questão das funções da comunidade é importante. Há uma função urbana na microescala. Outro ponto importante destacado por Ana Cláudia, é a conexão entre os lugares que modifica o entendimento sobre o território. Enquanto que a economia está atrelada a padrões culturais, ou seja, a economia sobrevive a partir do modo de vida. Que funções estão constituídas na micro-escala? Até onde vai a noção de campo e a noção de cidade?

Paula e Cláudia apontam para o *território* como a chave para que se sobreponha informações para explicar a característica desse urbano. Ana Cláudia, aponta a dimensão temporal, algumas comunidades são mais antigas, outras mais novas, e surgem os questionamentos: o que leva a esta mobilidade? Qual é o grau de estabilidade que estas comunidades tem hoje ali? Isso tende a desaparecer?

Síntese Pragmática:

A discussão foi rica e apontou uma forte necessidade de ajuste semântico para os grupos de microescala. A necessidade de um melhor conhecimento sobre as bases de dados censitárias, as bases de dados da economia e, muito importante, um conhecimento das abordagens metodológicas hoje presente nos grupos, é que estamos chamando aqui de ***Ajuste Semântico*** necessário e fundamental para o bom desenvolvimento do trabalho na **microescala**.

II. ENCAMINHAMENTOS E AGENDA

1. Troca de material para que os grupos se preparem para uma reunião em janeiro. (***adiada para fevereiro***). Importante:
 - a. NEPO: dar uma visão Geral dos aspectos principais sobre as bases que trabalha e a metodologia hoje empregada para tratar com dados secundários e com os *surveys* de campo; (censo foi preparado para pegar as grandes dinâmicas e tem no projeto o que vai mostrar as microtendências são os questionários.)
 - b. INPE-SJC: apresentar uma visão Geral dos aspectos principais sobre as bases de dados, métodos de integração de dados SR-Censitários-Ambientais, e esquema de Campo para coleta de informação de conectividade;

2. **Estudo de avaliação** das variáveis que são/seriam comuns aos estudos.

Novas questões que necessitam um encaminhamento de definição de ações específicas para o seu tratamento. (*Tarefa para Miguel e Ana*)

1. **A escala de análise** - para isso será importante relacionar variáveis de campo (comunidades amostradas) com dados dos setores censitários.
2. **Avançar além da dicotomia campo/cidade** - enfocando as funções urbanas operacionalizada através das redes. **Território** é a chave para sobrepor informações e explicar a *estabilidade/instabilidade* das comunidades: Porque se desenvolveram? vão desaparecer? como é a mobilidade?
3. **A questão da renda/produção:** alternativas econômicas, PIB/município, economia subterrânea (informal, censo não capta); diferenças de economias/padrões das localidades articuladas por rio e estrada; *Como? Com que Dados?*
4. **Relação entre dados censitários(setores) x dados de campo:** como tratar?

Projeto URBISAmazônia

1ª REUNIÃO MESOESCALA

02/12/2011

VIA SKYPE
16:00 – SP
15:00 - Belém

LOCAIS:
INPE AMAZÔNIA-BELÉM,
NEPO-UNICAMP-CAMPINAS,
INPE-SJC, FGV-SP,
FIOCRUZ-RJ, MDA-BRASILIA

COORDENAÇÃO DA REUNIÃO	Ana Cláudia Cardoso (ITV DS)
MOTIVO DA REUNIÃO	Reunião geral de alinhamento, marco do início das atividades do projeto para as ações na Mesoescala.
PESQUISADORES	Isabel Escada e Miguel Monteiro (INPE-SJC), Roberto do Carmo (NEPO), Fred Roman e Ciro Biderman (FGV-SP), Mauricio e Claudio Almeida (INPE-Amazônia), Diego Xavier (FIOCRUZ-RJ), Pedro Alves (NEAD-MDA), Paula Bastos (UFPA)
BOLSISTAS ESTUDANTES	/ Marcio e Ricardo Dagnino (NEPO), Claudia Nascimento (INPE Amazônia), Claudia Durand (INPE-SJC)
OBSERVADORES	

I. GUIA PARA A REUNIÃO

1. As questões colocadas para a MESOESCALA no desenho original do projeto
2. Apresentação Síntese dos <u>objetivos</u> de cada Plano de Trabalho (propostos para os Bolsistas envolvidos em cada Grupo) para tentarmos amalgamar os objetivos gerais da escala, e assim facilitarmos a condução de nossa diversidade.
3. Literatura base usada por cada grupo para vencer o desafio colocado. Essa informação é importante para facilitar nosso diálogo cruzado, pois saberemos o que ler para entendermos melhor o outro.
4. Possíveis <u>pontos de contato</u> para a cooperação cruzada dos grupos: metodologias de campo, ajustes de questionários, base de dados a compartilhar, informações produzidas como possibilidade de compartilhar.
5. Próximos passos

II. ENCAMINHAMENTOS

1.

Projeto URBISAmazônia

1ª REUNIÃO MICROESCALA

01/12/2011

VIA SKYPE
16:00 - SP
15:00 - Belém

LOCAIS:
INPE AMAZÔNIA-BELÉM,
NEPO-UNICAMP-CAMPINAS,
INPE-SJC

COORDENAÇÃO DA REUNIÃO	Ana Cláudia Cardoso (ITV DS)
MOTIVO DA REUNIÃO	Reunião geral de alinhamento, marco do início das atividades do projeto para as ações na Microescala.
PESQUISADORES	Silvana Amaral e Miguel Monteiro (INPE-SJC)
BOLSISTAS ESTUDANTES /	Marcio e Ricardo Dagnino (NEPO), Claudia Nascimento (INPE Amazônia), Ana Paula D'Alasta e Carolina Pinho (INPE SJC)
OBSERVADORES	

I. GUIA PARA A REUNIÃO

1. As questões colocadas para a Microescala no desenho original do projeto
2. Apresentação Síntese dos objetivos de cada Plano de Trabalho (propostos para os Bolsistas envolvidos em cada Grupo) para tentarmos amalgamar os objetivos gerais da escala, e assim facilitarmos a condução de nossa diversidade.
3. Literatura base usada por cada grupo para vencer o desafio colocado. Essa informação é importante para facilitar nosso diálogo cruzado, pois saberemos o que ler para entendermos melhor o outro.
4. Possíveis pontos de contato para a cooperação cruzada dos grupos: metodologias de campo, ajustes de questionários, base de dados a compartilhar, informações produzidas como possibilidade de compartilhar.
5. Próximos passos

II. ENCAMINHAMENTOS

1.

Projeto URBISAmazônia

REUNIÃO SETORIAL

20/04/2012

PRESENCIAL

LOCAL: INPE SJC

COORDENAÇÃO DA REUNIÃO	Antonio Miguel Vieira Monteiro (INPE SJC),
MOTIVO DA REUNIÃO	Reunião Setorial entre os grupos de Mesoescala do INPE-SJC e da FGV-SP para ajustes de agenda
PESQUISADORES	Frederico Roman (FGV-SP), Maria Isabel Sobral Escada (INPE-SJC) e Flávia Feitosa (INPE-SJC)
BOLSISTAS ESTUDANTES	/ Carolina Pinho (INPE-SJC)
OBSERVADORES	

1. PAUTA

1. Discussão de Métricas de Paisagem Urbana: Definições e Aplicações para o UrbisAmazonia

Relato:

#1 – Breve retomada da discussão ocorrida na oficina de 06/03 em SJC (Reunião MESO-MICRO), onde foram apresentadas as métricas desenvolvidas pela FGV para análise comparativa das metrópoles mundiais.

#2 – Discussão sobre a caracterização do **EvolUrb** – Foi definido pelo Miguel como um “*framework* onde a análise da paisagem através de métricas e técnicas de sensoriamento remoto é um dos seus componentes, associado a análise histórica de ocupação da região”

#3 – Definiu-se que a equipe FGV organizará de forma sistematizada os resultados alcançados com as métricas já aplicadas para a região metropolitana de Belém e replicará esta abordagem para a cidade de Santarém. Este relatório conterá :

1. detalhará as métricas utilizadas, fórmulas, composição e significado;
2. os resultados quantitativos espacializados em cartas serão produzidos para discussão sobre o alcance e limitações da metodologia para as realidade de Belém e Santarém, em conjunto com os grupos do INPE e de Belém (ITV-DS, INPE Amazônia e UFPA);

#4 – A equipe do INPE-SJC aplicará para área de Santarém as métricas de paisagem de desflorestamento segundo a metodologia apresentada por Isabel na oficina de trabalho em março em SJC. A partir daí haverá a possibilidade de avaliação integrada das duas metodologias de análise de paisagem. Esta avaliação será realizada em conjunto com a equipe INPE (SJC e Amazônia), ITV-DS, UFPA e FGV.

#6 – Por fim, foi definido que avançaremos na discussão para a construção de métricas de paisagens contextuais, que possibilitem a incorporação de classes de usos do solo no entorno das áreas urbanizadas como perspectiva possível para capturar assim, em expressão territorializada, o conceito de urbano extensivo, através da caracterização destes entrelaçamentos entre urbano e rural. Esta discussão deve ser ampliada e com todos os times MESO-MICRO no INPE SJC, INPE Amazônia, FGV, ITV-DS e UFPA.

2. ENCAMINHAMENTOS

1. Miguel deve organizar as agendas e contatar os grupos envolvidos.